



**Universidade Estadual da Paraíba
Centro de Humanidades/Campus Guarabira
Departamento de História
Coordenação do Curso de História**

João Roberto Gouveia Pessoa

**PRÁTICAS DE REZAS E BENZEÇÕES: a cura através das rezas em comunidades
urbanas e rurais na cidade de Tacima-PB**

**Guarabira – PB
Abril de 2016**

João Roberto Gouveia Pessoa

PRÁTICAS DE REZAS E BENZEÇÕES: a cura através das rezas em comunidades urbanas e rurais na cidade de Tacima-PB

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC/Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de História, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus Guarabira como requisito parcial a obtenção do Grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas

**Guarabira – PB
Abril de 2016**

João Roberto Gouveia Pessoa

PRÁTICAS DE REZAS E BENZENÇÕES: a cura através das rezas em comunidades urbanas e rurais na cidade de Tacima-PB

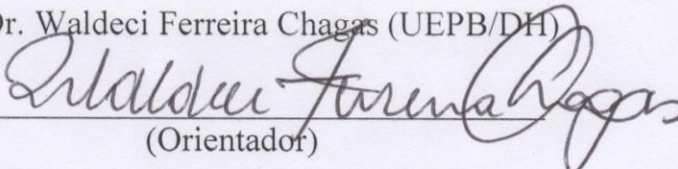
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC/Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de História, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus Guarabira como requisito parcial a obtenção do Grau de Licenciado em História.

Linha de Pesquisa: História, Memória e Cotidiano

Aprovado em 18 / 04 /2016

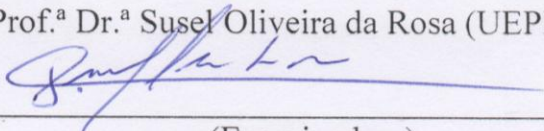
BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas (UEPB/DH)



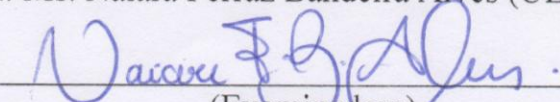
(Orientador)

Prof.^a Dr.^a Susei Oliveira da Rosa (UEPB/DH)



(Examinadora)

Prof.^aMs. Naiara Ferraz Bandeira Alves (UEPB/DH)



(Examinadora)

P475p Pessoa, João Roberto Gouveia.

Práticas de rezas e benzeções: [manuscrito]: a cura através das rezas em comunidades urbanas e rurais na cidade de Tacima – PB. / João Roberto Gouveia Pessoa – Guarabira, 2016. 38f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.

“Orientador: Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas, Departamento de História.”

1. Rezadeiras. 2. Práticas. 3. Representações. I. Título.

21. ed. CDD– 615.852

Às mulheres rezadeiras e aos homens benzedores,
que usam seu dom como ofício, realizando a
intermediação da cura pela reza. **DEDICO.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos deuses (novos e antigos), por ter me dado saúde, paz, e condições de concluir este trabalho de conclusão de curso (TCC/Artigo);

À minha mãe, ao meu pai, meus irmãos/irmãs e minha esposa pelo estímulo e apoio;

A João Paulo Lira Gonçalves e Rosangela Monteiro Rocha que me auxiliaram nos encontros com as rezadeiras colaboradoras desta pesquisa.

Ao Orientador Professor Waldeci Ferreira Chagas, não só pela orientação, mais também pela paciência grandiosa, e por acreditar em mim e no meu potencial acadêmico;

Aos meus colegas do Curso de História, pelas vivências, emoções compartilhadas, e aprendizado, em especial, Damião (Pai Damião), Valter (Tchê), Gutemberg (O Padeiro) e Cristiano (El Nino);

Aos demais colegas, Marli, Katiúscia, Marbia, Marinês, Renan, Fernando, Edjamara, Amanda, pessoas perseverantes que conseguiram chegar até ao final do curso, e com os quais aprendi bastante neste pequeno percurso de minha vida;

Aos Professores em especial, Carlos Adriano, Flávio Carreiro de Santana, Azemar dos Santos Soares Júnior, Juvandi de Sousa, Ruston, Josemar Vieira, Gilvan Torres, Eltern Vale, Tiago Bernardon, Ramon, Wellington, Wallene Cavalcante, Francisco Dias e as Professoras Sheyla Galvão, Edna Nóbrega, Andreza, Elisa Mariano, Elvira, Alômia Abrantes, Simone Joaquim Cavalcante, Paula Rejane, Mariângela, Kedna Karla e a Susel Oliveira da Rosa e Naiara Ferraz Bandeira Alves por fazerem parte da minha banca examinadora.

Enfim, a todos que contribuíram de forma direta e/ou indiretamente para a conclusão do Curso de História e deste trabalho.

BENZEDEIRAS GUARDIÃS
Rosinha de Valença/Martinho da Vila

As rezadeiras usam
Águas da chuva e do rio
Curam as dores do corpo
Cisco no olho, espinhela caída

As benzedadeiras vão
Com fé na oração
Curando nossas feridas
Como obaluaê

As rezadeiras quebram
Quebranto, mal olhado
Males que vem dos ares
Nervos torcidos, ventres virados

As benzedadeiras são
As estrelas das manhãs
As nossas anciãs
Naná buruguêis

Afastam a inveja
E o mal olhado
Com suas forças
Com suas crenças
Com suas mentes sãs

As rezadeiras são
As nossas guardiãs
Por dias, noites, manhãs
Naná (2X)

Estaca canção é uma oração
Para as benzedadeiras
Do coração mando este som
Para as rezadeiras

As rezadeiras são
As nossas guardiãs
Por dias, noites, manhãs
Naná

RESUMO

O presente trabalho busca compreender as práticas de reza e benzeções e as representações das rezadeiras nas comunidades urbanas e rurais no município de Tacima-PB como um fator cultural e histórico, ou seja, observando o ambiente de vivência das rezadeiras como forma de apreender sobre suas práticas e representações. Assim, para uma melhor análise, nós dialogamos com duas rezadeiras tacimenses Dona Maria e Dona Joselina, as quais nos possibilitaram compreender e levantar muitas interpretações sobre suas práticas culturais e suas representações. Para dialogarmos com as rezadeiras nos utilizamos da metodologia em história oral. Que nos possibilitou compreender as práticas e representações destas duas rezadeiras. A intenção deste trabalho não é fornecer uma cobertura completa e única do assunto, pois sabemos que muitos são os questionamentos em história, mas proporcionar através da memória dos indivíduos colaboradores desta pesquisa maiores informações acerca desta temática relativa às práticas e representações das rezadeiras, pessoas estas que se utilizam da fé para auxiliar pessoas que as procuram no intuito de curarem os males do corpo e da alma que tanto os afligem.

Palavras-chave: Rezadeiras. Práticas. Representações.

ABSTRACT

The present work seeks to understand the practices of prays and benzeções and the representations of rezadeiras in urban and rural communities in the municipality of Tacima-PB as a cultural and historical factor, i.e., by observing the environment of experiences of rezadeiras as a way of apprehending about their practices and representations. Thus, for a better analysis, we are talking with two rezadeiras tacimenses Dona Maria and Dona submitted by Joselina, which allowed us to understand and raise many interpretations about their cultural practices and their representations. To talk to the rezadeiras we methodology in the oral history. That allowed us to understand the practices and representations of these two rezadeiras. The intention of this work is not provide complete coverage and single issue because we know that many are the questions in history, but provide through the memory of individuals collaborators of this research more information about this topic concerning practices and representations of rezadeiras, people these that use of the faith to help the people who seek in order to heal the evils of body and soul that both the plague.

Keywords: Rezadeiras. Practice. Representations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPITULO I – METODOLOGIA DA PESQUISA.....	11
1.1 - CAMINHANDO COM A HISTÓRIA ORAL.....	15
CAPITULO II – O SER REZADEIRA	19
2.1 – O DOM E O OFÍCIO DAS REZADEIRAS NA SOCIEDADE CONTEMPORANEA	19
2.2 – O OFÍCIO DAS REZADEIRAS: A cura pela reza	21
2.3 – DOENÇAS DE REZADEIRAS: Causas, Diagnósticos e os Procedimentos de Intervenção.....	25
CAPITULO III – EM CENA AS REZADEIRAS: Dona Maria e Dona Joselina.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36

INTRODUÇÃO

Quando falamos das manifestações culturais das classes populares e de suas práticas e representações junto as suas comunidades, como a cura pela reza, sabemos que estas têm convivido com a concepção de que são manifestações culturais ultrapassadas e esquecidas no tempo. Nesta perspectiva é importante destacarmos que às curas pela reza continuam sendo praticada e revivida a cada dia por mulheres e homens que cotidianamente procuram as rezadeiras

O diálogo com as rezadeiras Dona Maria e Dona Joselina tornou possível ampliar a dimensão do conhecimento histórico através dos próprios personagens, de forma a construir e expor suas práticas e representações como agentes perante a comunidade. Diante disso, neste trabalho as rezadeiras ganharam voz expondo seu dom e ofício no exercício da cura dos males através das rezas. O que lhes proporcionaram conquistar assim seu espaço de sujeitos históricos.

Assim, as histórias destas mulheres rezadeiras estão expostas neste trabalho a partir de relatos e das experiências vivenciadas em suas comunidades e com suas práticas culturais, sendo preservadas e mantidas através da cultura imaterial e da memória coletiva. Dessa forma, para podermos melhor esclarecer e problematizar as visões sobre o universo das rezadeiras desta pesquisa foi utilizado à metodologia de história oral, com entrevistas com pessoas que possuem conhecimento dos fatos transcorridos.

Nesta pesquisa os nomes de ambas as rezadeiras e das demais pessoas citadas, são fictícios, pois as mesmas como forma de colaborarem com esta pesquisa pediram que seus nomes verdadeiros não fossem citados nas transcrições ou nas citações. Esta atitude das rezadeiras se deve ao fato delas temerem alguma manifestação de desaprovação por populares de suas comunidades, pois uma das rezadeiras demonstrou-se temerosa e se recusou a colaborar com esta pesquisa, mesmo após afirmar-lhe o anonimato como colaboradora. Assim sendo, ficou acordada a preservação dos nomes verdadeiros das colaboradoras desta pesquisa. O nome da rezadeira Dona Maria foi escolha nossa, porém o da rezadeira Dona Joselina foi um pedido da mesma, pois nos confidenciou com tom de nostalgia que era por este nome que seu pai lhe chamava.

A cura pela reza é um fenômeno que aparece no Brasil desde o período colonial, se propagou e prevalece até os dias atuais. Desta forma, sempre foi um forte elemento

vivenciado pelas pessoas das camadas populares. A manifestação cultural religiosa do ato de rezar para a cura e prevenção de males, ainda são marcadas pela exclusão e, por isso, muitas vezes as rezadeiras passam despercebidas na sociedade devido ao preconceito existente para com suas práticas de rezar para curar. Dessa forma, compreender como se dá e se desenvolve a construção do saber e das práticas das rezadeiras, é poder apresentá-las como um ser social, cultural, histórico e singular, devido as suas práticas em conjunto no seu meio social.

Assim, o intuito deste trabalho é inserir as rezadeiras no contexto histórico, apresentando suas práticas de cura e suas relações com a comunidade, de forma que as rezadeiras tenham suas manifestações da arte da cura pela reza reconhecida como formas de intervenção que proporcionam ao corpo, a alma e ao espírito das pessoas que as procuram alívio dos males que os assolam.

Assim, o trabalho está dividido em três capítulos, no primeiro abordamos a metodologia da pesquisa expondo as concepções históricas sobre história oral, a relação história e memória e sobre as práticas das rezas. O segundo capítulo expomos a história de vidas das duas rezadeiras Dona Maria e Dona Joselina sujeitos desta pesquisa, apresentando os motivos de seus interesses pela reza e mostrando-as como filhas, mães, avós, amigas, sendo assim, elas são mulheres como todas as outras. Por ultimo, no terceiro capítulo abordamos as práticas e as representações destas duas rezadeiras, de forma a apresentá-las como sujeitos históricos e também como agentes de cura pela realização das rezas. Dessa forma compreendemos um pouco mais do universo das rezadeiras e de suas práticas e representações.

CAPÍTULO I

METODOLOGIA DA PESQUISA

A experiência vivenciada com as rezadeiras colaboradoras desta pesquisa durante as entrevistas foi fundamental para o entendimento das suas práticas, das representações e da sua vivência nas comunidades onde residem. A história de vida das mulheres rezadeiras, ainda hoje é marcada fortemente por preconceitos para com suas práticas e, por isso, muitas vezes elas são excluídas da sociedade, devido ao preconceito para com suas práticas de cura através das rezas.

Ao realizar as entrevistas com as rezadeiras Dona Maria e Dona Joselina, sujeitos desta pesquisa, ficou clara a importância destas mulheres para as pessoas de suas comunidades, que as procuram no intuito de se aliviarem dos males do corpo e da alma, que tanto as afligem e atormentam.

Embora este trabalho tenha se limitado a duas rezadeiras, vale ressaltar que, estas fazem parte de um contexto social relevante a muitas outras pessoas nas comunidades onde moram, e, por sua vez fazem parte da identidade social e cultural, e se constituem sujeitos históricos. Para podermos compreender a representação das rezadeiras, a sua vivência na comunidade e suas práticas de cura pela reza, foi necessário à aplicação de um questionário predefinido, junto com algumas outras interrogações que foram aparecendo ao longo das entrevistas.

As duas rezadeiras sujeitos desta pesquisa, Dona Maria e Dona Joselina ambas residem no município de Tacima/PB, localizado na mesorregião do agreste paraibano, distante 153 km de João Pessoa/PB, a capital da Paraíba.

A rezadeira Dona Maria, de 39 anos de idade, teve sua iniciação como rezadeira aos 13 anos de idade, por intermédio de seu avô. Ela reside na zona rural na comunidade de Cachoeirinha, distante 18 km da sede do município. A rezadeira Joselina, de 59 anos de idade, aprendeu a rezar aos oito anos de idade, por intermédio de sua mãe a qual Dona Joselina observava durante a realização das rezas, reside na zona urbana do município de Tacima/PB.

Apesar de estarmos num mundo onde impera a fluidez dos avanços médicos-científicos, através das constantes mudanças que provocam perdas nas raízes culturais dos diversos grupos sociais e culturais, as práticas das rezadeiras continuam ativas perpetuando-se ao longo dos séculos. As mulheres rezadeiras através de suas rezas e de sua fé restabelecem a saúde dos corpos e da alma daqueles que as procuram. A crença nas rezadeiras, em sua

capacidade de intervir através de gestos e de palavras é penetrante e eficaz, sobrevivendo até os dias atuais, como afirma Cavalcante & Chagas (2009):

A benzeção como prática cultural atravessou séculos, chegando até os dias hodiernos, com rupturas e permanências, bastante presente no cotidiano, mormente de pessoas das classes populares, mas não restrita a elas, porque a cultura não é estanque, fechada, limitada a um determinado estrato da sociedade (CAVALCANTE & CHAGAS, 2009 p. 2).

Mesmo em pleno século XXI, onde imperam os avanços nas áreas médicas-científicas, as práticas de cura por intermédio da realização da reza continuam sendo exercida por mulheres rezadeiras, pois encontramos nos dias atuais pessoas, tanto no campo como na cidade, mulheres e homens, que procuram as rezadeiras, mesmo tendo como opção o serviço básico de saúde.

Assim sendo, as práticas das rezadeiras consiste num aglomerado de práticas culturais/religiosas advindas de diversas culturas (indígena, africana e europeia), fato que corrobora para a existência e permanência da prática da cura pela reza. Dessa forma, as práticas da reza como forma de intervenção, estão presentes no Brasil desde o período colonial, onde o conhecimento indígena, africano, mestiço e europeu era utilizado em rituais de cura através do uso de ervas e rezas, como expõe Cavalcante & Chagas (2009):

Africanos, indígenas e mestiços foram os grandes curandeiros do Brasil Colonial o conhecimento que tinham das ervas e de procedimentos rituais a seu universo cultural atrelou-se ao acervo europeu da medicina popular. Houve curandeiros europeus, mais em número muito inferior (CAVALCANTE & CHAGAS, 2009, p. 4. Apud SOUZA, 2005, p. 166).

As práticas de cura através da reza têm apresentado uma grande fluidez, demonstrando que constantemente têm sido renovadas e mantidas na sociedade, perdurando ao longo do tempo, sobrevivendo assim aos avanços nas áreas médicas-científicas. Mostrando um caráter democrático, pois as práticas da cura através da realização das rezas continuam a serem praticadas e usufruídas por pessoas das mais diversas classes sociais.

A existência das práticas de cura por intermédio da realização das rezas é muito antiga no Brasil e se origina principalmente na cultura popular (índios, caboclos, negros escravos), pois esses conheciam as ervas e suas funções. Povos diferentes que contribuíram em diversos aspectos na cultura brasileira. Segundo Souza (2008):

[...] Junto a essa utilização terapêutica das plantas, está à utilização de rezas e simpatias, como via de classificação das causas das doenças, tanto as causas

biológicas, quanto as sobrenaturais, no caso de males, como por exemplo, *vento caído*, dentre outros. A partir dessa leitura, verificamos uma abordagem da prática do benzimento inserido no campo teórico do folclore nacional, como consequência das manifestações da cultura popular, limitado à função de costumes, originado no processo de colonização. Cresceram fomentado pelo embate cultural na rusticidade das camadas pobres da população brasileira, como, índios, caboclos, negros escravos. Depois os mestiços suburbanos e a cultura urbana dos portugueses, junto ao catolicismo ritualizado dos jesuítas consolidaram esse processo (SOUZA, 2008, p. 16).

Souza (2008) coloca a prática da realização da reza como forma terapêutica limitada a função de costumes de uma comunidade, porém, a prática da realização da reza como intervenção terapêutica é muito mais que mero costume. O ato de rezar para curar está impregnado de fé e confiança entre as rezadeiras e as pessoas que as procuram. Assim sendo, o ato de rezar para curar faz parte da cultura popular, sendo necessária a preservação deste patrimônio cultural imaterial. Nascimento & Ayala (2013) definem patrimônio imaterial da seguinte forma:

O conceito de Patrimônio Imaterial considera a vida social das pessoas, pertencentes a comunidades tradicionais, que têm a transmissão oral como principal meio de repasse de conhecimento de formas de expressão e saberes. A UNESCO define como Patrimônio Imaterial as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos se reconhecem como parte integrante de seu patrimônio (NASCIMENTO; AYALA, 2013, p. 5).

Dessa forma Nascimento & Ayala (2013) consideram que as rezas populares possuem grande importância histórica e religiosa, além de ter importante função nas comunidades tradicionais. Assim sendo, estes autores afirmam que é importante entender as vozes destes detentores dos saberes da cura pela reza, para que possamos demonstrar como são suas expressões culturais, os ensinamentos, as experiências das pessoas e como é a transmissão das gerações anteriores para as gerações posteriores. Expondo assim, o caráter fluído da prática da realização da reza como forma terapêutica e, ao mesmo tempo, demonstrando a influência que as mulheres rezadeiras exercem em suas comunidades, tornando-se estas mulheres sujeitos históricos, visto elas participarem de um universo sagrado que proporciona a cura através da fé, elevando suas crenças, ritos e símbolos a um patamar inquestionáveis por aquelas pessoas que as procuram em busca do alívio dos males do corpo e da alma.

As rezadeiras são muitas vezes a única opção de tratamento terapêutico onde o atendimento médico é precário nas comunidades carentes, assim como afirma Silva (2009):

“Mesmo onde tem médico, mas o atendimento é precário e os remédios são caros, as pessoas vão à busca dos préstimos das rezadeiras, que atendem sem restrições a quem vai à busca dos seus serviços”. (SILVA, 2009, p. 11). Dessa forma, Silva (2009) afirma que as rezadeiras sempre gozaram de um papel importante junto às comunidades mais carentes, que possuíam um atendimento médico precário. Fazendo com que as pessoas fossem em buscas das rezas de cura. Cabendo as rezadeiras a importante tarefa de realizar o alívio dos males do corpo e da alma por intermédio da realização das rezas.

As rezadeiras, em sua maioria, frequentam a Igreja Católica, embora, suas práticas e suas representações nas suas comunidades não correspondam às exigências da Igreja Católica. Isso porque elas pertencem ao que chamamos de catolicismo popular. Segundo Souza (2008) o catolicismo popular são práticas religiosas que surgem nas comunidades na ausência de padres, e que são assumidas por leigos que cumprem as funções do sagrado. Assim, criou-se a concepção de que o ato de rezar como forma terapêutica, ora era aprovado, ora combatido como sendo credice e ao mesmo tempo supersticioso.

Dessa forma, as práticas da reza como intervenção terapêutica para Silva (2009) têm se mostrado cheio de simbologia e comportamentos criados e adaptados a partir das crenças e experiências de vida das rezadeiras, que têm se configurado em uma grande força de resistência. Esses aspectos imprimem uma inevitável relação entre a ação cotidiana das rezadeiras, das pessoas que as procuram em suas comunidades e a preservação da memória das práticas da cura por intermédio da realização da reza como intervenção terapêutica. Como expõe Theotônio (2010):

O cotidiano não é uma repetição mecânica e imutável de gestos, tradições ou costumes, na realidade ele é reinventado sempre a cada refazer de atitude que o homem e a mulher desempenham na vida em sociedade. Portanto o cotidiano é portador de uma historicidade que deve ser percebida com a preocupação investigativa de dar vozes a diversos sujeitos históricos elaborando a construção e desconstrução da história, partindo de novas fontes e de novos objetos. Daí a necessidade de um novo olhar sobre essas práticas mágicas utilizadas, principalmente, pelas mulheres e compartilhadas com a comunidade. Essas práticas mágicas não devem ser rotuladas de velhas, pois se renovam e constituem novos sentidos cotidianamente, a cada criança que é rezada, a cada bênção proferida. (THEOTONIO 2010, p. 2)

Assim, para Theotônio (2010) é importante que haja novos olhares para as práticas das rezadeiras, de forma a compreender essas práticas mágicas, utilizadas principalmente pelas mulheres e compartilhadas com a sociedade. Como forma de não rotularmos essas práticas mágicas de velhas, pois se renovam e constituem-se cotidianamente de novos sentidos, a cada criança que é rezada, a cada bênção proferida.

1.1 – CAMINHANDO COM A HISTÓRIA ORAL

Até o fim do século XIX a produção historiográfica estava centrada nos grandes acontecimentos e na história dos “grandes” homens, mas a partir do início do século XX a produção historiográfica começou a caminhar por novos caminhos, muitos devido à ascensão de novos agentes sociais, que possibilitaram transformações significativas na sociedade¹. Dessa forma, passou-se a discutir temáticas até então tidas como insignificantes para a pesquisa historiográfica, como os movimentos sociais e as manifestações religiosas populares.

Para podermos compreender as práticas e as representações das mulheres rezadeiras em suas comunidades, trabalhamos com a história oral, pois a história oral é um mecanismo de pesquisa que se utiliza de narrativas e memórias, como forma de se buscar compreender os fatos acontecidos e as vivências das pessoas e os acontecimentos em diferentes tempos e espaços. Dessa forma recorreremos à metodologia da pesquisa em história oral de vida, formulada por Meihy & Holanda (2014), visto descrever a história oral de vida da seguinte forma:

No caso da história oral de vida, o que a distingue é exatamente a independência dos suportes probatórios. As incertezas, descartabilidade da referência exata, garantem às narrativas decorrentes da memória um corpo original e diverso dos documentos convencionais úteis à História. Em particular, a história oral de vida se espalha nas construções narrativas que apenas se inspiram em fatos, mas vão além, admitindo fantasias, delírios, silêncios, omissões e distorções (MEIHY & HOLANDA, 2014, p. 34).

Dessa forma, nos foi permitido adentrar no universo das rezadeiras e, assim, ver e analisar as práticas e as representações das mulheres rezadeiras.

A história oral teve seu uso difundido a partir da metade do século XX, nos Estados Unidos, com o advento do gravador. Logo difundido pela Europa. No Brasil a história oral teve seus primeiros passos por volta dos anos 1970, tendo pouca aceitação entre os/as pesquisadores/as. Apenas nos anos 1990 a história oral passou a ter maior visibilidade no Brasil. Inicialmente a história oral brasileira seguiu caminhos diferentes da história oral

¹Ver BURKE, Peter. *A escola dos Annales* (1929-1989): a revolução Francesa da historiografia. Tradução Nilo Odalia. – São Paulo: Editora Universidade Paulista, 1991. A partir da *Escola dos Annales* o quadro das pesquisas históricas foi renovado e ampliado. Assim dentre as gerações dos *Annales* a terceira foi a que começou a abrir o leque de possibilidades para a história. Nesse contexto a "Nova História", proporcionada pela terceira geração na qual, toda atividade humana é considerada história, muitas possibilidades de novas pesquisas, abordagens, métodos e conceitos são abertas ao expandir o campo da história nas diversas áreas do conhecimento. “O grupo ampliou o território da história, abrangendo áreas inesperadas do comportamento humano e a grupos sociais negligenciados pelos historiadores tradicionais.

internacional, enquanto esta era voltada para grupos de indivíduos marginalizados, calados ou esquecidos, a história oral brasileira estava voltada para: “movimentos intelectuais, burocráticos, políticos, militares e institucionais” (FIORUCCI, 2010, p. 14). Tendo este quadro mudado apenas a partir de 1995, quando os estudos da oralidade voltaram-se para as camadas populares.

As críticas a confiabilidade das fontes orais, baseiam-se no fato de que os depoimentos orais são fontes subjetivas e às vezes falíveis ou fantasiosas, todavia, nenhuma fonte está livre da subjetividade, seja ela escrita ou oral. Assim, a fonte oral não deve ser usada como um dado preciso, mas é fundamental para o estudo do tempo presente, pois possui informações que muitas vezes não encontramos em documentos escritos, assim:

Ela se impõe como primordial para a compreensão e estudo do tempo presente, pois só através dela podemos conhecer os sonhos, anseios, crenças e lembranças do passado de pessoas anônimas, simples, sem nenhum *status* político ou econômico, mas que viveram os acontecimentos de sua época (MATOS; SENNA, 2011, p. 101).

Temos que atentar que, o ato de narrar à história de vida, é de certa forma seletivo. E por sua vez influenciado por diversos elementos que envolvem o entrevistado e o entrevistador: como o dia, o momento vivido pela pessoa, o local da entrevista, e principalmente o entrevistador, que pode aparecer como um obstáculo ao interlocutor, o fazendo escolher algumas vezes o que se deve ou não revelar. Dessa forma, acreditamos que as rezadeiras desta pesquisa, possam ter omitido algumas de suas memórias e expostas outras, porém estas memórias não são menos verdadeiras ou importantes que as não ditas, pois acreditamos que a memória funciona como um processo seletivo e não reproduz uma história tal como aconteceu.

Ao trabalharmos com história oral de vida, temos que levar em conta também a memória como agente produtora das lembranças, pois Bosi (1994) afirma que buscamos registros da memória social e coletiva das pessoas. Assim, Bosi (1994) ao entrevistar pessoas acima de 70 anos, buscou identificar os diferentes pontos de vista dos entrevistados e o conteúdo lembrado a partir da história de vida de cada um. Dessa forma, a memória está no inconsciente, e as pessoas escolhem suas narrativas a partir das memórias do vivido. Assim, Bosi (1994) ao fazer o estudo sobre a memória, ela apresenta a memória como produto já pronto para ser acionado, além de que, mantém o passado vivo através do “chamado presente”, dessa forma ocorre o processo de lembrar.

Portanto como a memória é sempre trabalhada de forma individual ou coletivamente, ao recorrermos à memória como fonte da pesquisa, não poderíamos nos ater apenas nas narrativas de história de vida como afirmação do passado tal como ele foi, mas como forma de construirmos pontos de vista sobre acontecimentos ocorridos, vividos por agentes que os viveram, por através de memórias atualizadas pelo presente, pois “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento” (BOSI, 1994, p. 39).

Sobre a relação memória e identidade, é pertinente as colocações de Pollak (1992) visto tratar sobre a memória individual e as memórias coletivas, Pollak (1992) afirma que:

Podemos, portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua representação em si (POLLAK, 1992, p. 5).

Ainda sobre a memória e a identidade, Lira (2004) afirma que: “a identidade e a memória são interatuantes, e que a memória é um elemento constitutivo da identidade” (LIRA, 2004, p.78). Assim, as memórias coletivas ou individuais não podem existir sem a identidade do sujeito e/ou do grupo.

Sobre a questão entre memória e história, é pertinente o trabalho de Nora (1993), visto esse autor atentar para os lugares de memória e a relação memória e história. Esse autor afirma que, a memória é vivida no interior das pessoas, mas que necessita de suportes exteriores. Assim, surge a necessidade do acúmulo de arquivos e dos lugares de memória. Nora (1993) afirma que:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações (NORA, 1993, p. 9)

Assim, a memória é vida, mas não está isenta das ações causadas pelo tempo presente, as quais podem causar atualizações nas lembranças das pessoas. Neste trabalho dialogamos com as rezadeiras colhendo seus depoimentos do tempo vivido. Buscamos compreender suas práticas e representações como rezadeiras através de suas memórias. Assim, para compreender melhor o termo representação, recorreremos as considerações de Chartier (1985), devido as formulações teóricas deste pesquisador nos possibilitar as referências quanto ao sentido de representação.

Dessa forma, este autor afirma que as representações são: “instrumento de um conhecimento mediado que faz ver um objeto ausente através de sua substituição por uma imagem capaz de reconstruir em memória e de o figurar tal como ele é” (CHARTIER, 1985, p. 20).

Assim, a representação se constitui como o ato de pensar e interpretar o cotidiano atribuído a um grupo - as rezadeiras, ou seja, (re)apresentar sobre o que se pensa sobre o outro, através de uma imagem capaz de reconstruir a memória e de a figurar tal como ela foi. Para Morigi (2012) *et al*, a representação se desenvolve através de três fatores: do cultural, da comunicação e na inserção nos níveis sócio-econômico. Dessa forma, as produções simbólicas desenvolvidas expressam e articulam diferentes formas de saberes, as quais constroem as identidades dos grupos e, que por sua vez conformam os modos de vida destes grupos.

CAPÍTULO II O SER REZADEIRA

2.1 – O DOM E O OFÍCIO DAS REZADEIRAS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

O dom e o ofício das rezadeiras não devem ser interpretados como uma prática distante e ultrapassada na sociedade contemporânea, devido ao distanciamento ocorrido das práticas realizadas pelas rezadeiras na atualidade com as pessoas que as procuram. Mas sim como práticas vivenciadas no cotidiano, tanto das rezadeiras como das pessoas que as procuram, no intuito de se aliviarem dos males do corpo e da alma, que tanto os afligem e atormentam.

As práticas das rezadeiras não são fenômenos que ficaram esquecidos no passado e, como tal, caíram no esquecimento. Pelo contrário, estas práticas têm sido constantemente renovadas e mantidas na sociedade. Práticas estas que se têm um forte apelo na religiosidade, ligadas fortemente ao catolicismo popular, mas que possui elementos advindos também de outras religiões/culturas, como afirma Costa (2012):

A prática das rezadeiras não consiste em uma religião no sentido oficial do termo, com qualquer regularização, mas antes representa uma espécie de aglomerado de práticas religiosas advindas de diversas culturas (africanas, indígenas, européia), fator que comprova a incrível coexistência (e permanência) de rituais de diferentes religiosidades. (COSTA, 2012, p.29).

Sabe-se que cada indivíduo traz sua interpretação do mundo e das visões das experiências vivenciadas ao longo da vida. Por estes aspectos as rezadeiras são marcadas profundamente pela cultura em que, cada uma delas está imersa, ao desenvolverem um papel muito admirável perante as populações mais carentes. É capaz, através de suas rezas de aliviar e curar os males daqueles que acreditam e as procuram cotidianamente. Suas manifestações de cura pela reza, ainda hoje são consideradas como crendices e ultrapassadas. Apesar de incorporada no cotidiano das camadas populares, há setores da sociedade que se recusam em aceitar as mulheres rezadeiras e os benzedores como agentes que possam intermediar a cura por meio da reza.

Dessa forma, ao se buscar conhecer e compreender melhor a forma como as rezadeiras construíram e (re)constróem seus saberes e como elas se expressam ajudando as pessoas de sua comunidade espera-se poder fornecer um novo olhar sobre as rezadeiras e os

benzedores e suas práticas, de forma a conferir-lhes o reconhecimento como agentes sociais e históricos na realização de suas práticas de cura através da reza.

São diversas as definições que se dão as pessoas que praticam a cura pela reza, Cascudo, em seu dicionário do folclore brasileiro, define as rezadeiras da seguinte forma: “Mulher, geralmente idosa, que tem ‘poderes de cura’ por meio de benzimento” (CASCUDO Apud SANTOS, 2009, p. 13). Esta definição elaborada pelo folclorista Câmara Cascudo se apresenta de forma limitada e pouco abrangente, pois sabemos que a prática da cura por meio da reza também é praticada por pessoas de ambos os sexos e sem uma idade definida. Dessa forma, a definição de Santos (2007) se apresenta mais pertinente, pois ele define as rezadeiras da seguinte forma:

As rezadeiras ou benzedoras são mulheres que realizam benzeduras. Para executar essa prática, elas acionam conhecimentos do catolicismo popular, súplicas e rezas com o objetivo de restabelecer o equilíbrio material ou físico e espiritual das pessoas que buscam pela sua ajuda. Para compor o ritual de cura, as rezadeiras podem utilizar vários elementos: ramos verdes, gestos em cruz feitos com a mão direita, agulhas, linha, pano e rezas. Estas são executadas na presença do cliente ou à distância (SANTOS, 2007, p. 16).

Theotonio (2010) descreve as rezadeiras da seguinte forma:

Ela é mãe, esposa, dona de casa, agricultora, conselheira, modelo para a sociedade (...) e portadora de saberes que não são de domínio público, mas constituem-se plenos de sentidos para aqueles que compartilham de suas práticas. A rezadeira é uma mulher repleta de sensibilidade, de atitudes de acolhimento para com aqueles que chegam a sua casa, em geral outras mulheres, acompanhadas de seus filhos ou parentes próximos em busca da reza. Essa procura é marcada pela necessidade de encontrar soluções para problemas cotidianos em geral relacionados à saúde, busca-se a cura, à volta a um estado anterior e saudável sempre desejado por todos. (THEOTONIO, 2010, p. 15)

Esses pesquisadores nos apresentam em suas definições sobre as rezadeiras, diversos elementos do cotidiano destas mulheres que praticam a cura pela reza. O ritual da cura pela reza se apresenta de forma complexa e repleta de elementos que são vivenciados tanto pelas rezadeiras como pelas pessoas que as procuram, os quais variam de acordo com a doença que esteja sendo rezada. As rezadeiras se constituem num importante agente em sua comunidade, devido a sua atuação junto às pessoas, passando a ser vista como um modelo a ser seguido, e também como conselheira de diversos problemas que ocorrem em sua comunidade, assim sendo, não atuam apenas na reza, mas têm uma grande representatividade junto as suas comunidades.

A aprendizagem das rezas se dá em momentos diferentes na vida das rezadeiras e por motivos diversos. Para Santos (2007) cada rezadeira aprende a rezar num determinado momento da vida, sendo guiada por familiares, os quais acompanhavam durante as rezas ou observando os vizinhos praticarem-na. Há aquelas que atribuem o seu aprendizado ao dom e a meios sobrenaturais, como sonhos ou visões.

2.2 – O OFÍCIO DAS REZADEIRAS: A CURA PELA REZA

A rezadeira Dona Maria, de 39 anos de idade, que reside na comunidade de Cachoeirinha, na zona rural do município de Tacima/PB, disse-me que aprendeu a rezar a partir dos treze anos por intermédio de seu avô. Ela disse: “comecei a reza quando tinha treze anos. Aí quando comecei a rezar meu avô disse: você só reze no dia que se sentir tocada e preparada” (informação verbal)².

Na fala da rezadeira Dona Maria, dá para ver que ela teve contato com a reza ainda cedo e aprendeu o ofício da reza por intermédio de um parente, o seu avô, ainda na sua adolescência, o qual a aconselhou a praticar a reza apenas quando ela se sentisse tocada e preparada. A rezadeira Dona Maria continua “eu me lembro que foi uma criança, a sua doença era um olhado carnal. Que estava aperrriada, que estava vomitando muito, sentindo dores, que chorava muito” (informação verbal)³.

A rezadeira Joselina, de 59 anos de idade, que reside na zona urbana de Tacima/PB, disse-me que aprendeu a rezar quando ela tinha oito anos de idade. Por intermédio de sua mãe.

O interesse pelo saber da prática da cura pela reza está relacionado com algumas necessidades básicas vividas por estas mulheres. Sejam estas necessidades relacionadas ao cuidado da saúde de familiares, dos animais e das plantações. As rezas de cura se tornam o meio mais acessível para estas mulheres. A rezadeira Joselina, disse que aprendeu a rezar pelo seguinte motivo: “É... porque tive dó das pessoas, de animal que sofria, e fazia oração pedindo a Deus que Deus curasse” (informação verbal)⁴.

A rezadeira Joselina não reza apenas doenças em pessoas, ela também reza animais, plantas e flores. Ela afirma que reza pessoas, animais, plantas e flores, pelo seguinte

²Entrevista com a rezadeira Dona Maria, no dia 30 de Novembro de 2014, na cidade de Tacima/PB.

³ Id; Ibid.

⁴Entrevista com a rezadeira Dona Joselina, no dia 30 de Novembro de 2014, na cidade de Tacima/PB.

motivo: “É tudo fi do meu pai [Deus], num tem diferença, tudo tem vida” (informação verbal)⁵.

A rezadeira Dona Maria aprendeu a rezar devido à necessidade de que futuramente necessitasse rezar seus filhos que viessem a adoecerem, e ela disse que não gostaria de estar recorrendo à ajuda de outras rezadeiras. Como ela afirma em sua fala:

Porque eu me interessei muito, sabe? Por causa que eu vivia muito...Assim, meus filhos caíam doente, pá eu num ir pra outras casas de outras curadeiras pra rezar, pra num tá petubando. Por três vezes que a gente reza, tinha vez que tinha tempo, tinha vez que não, sabe? Aí não pode passar dos dias das três reza. (informação verbal)⁶

A rezadeira Dona Maria aprendeu para rezar seus filhos, e que a mesma não queria está perturbando outras rezadeiras. Além de não querer incomodar nem sempre ela tinha tempo de levar seus filhos para a rezadeira fazer as três rezas. Mesmo Dona Maria tendo aprendido a rezar para poder rezar seus filhos, ela passou a exercer o ofício de rezadeira, passando a rezar as pessoas que a procuravam.

Segundo a rezadeira Dona Maria a aprendizagem da cura pela reza não cabe a qualquer pessoa, pois para ela a pessoa deve possuir um dom, ela afirma “tem que ter um dom, e força de vontade e a fé que a gente tem” (informação verbal)⁷.

Entre as rezadeiras há o consenso de que as rezas de cura só podem ser transmitidas entre pessoas do sexo oposto. Ou seja, um rezador só pode ensinar suas rezas para uma mulher e, uma rezadeira só poderia ensinar suas rezas para uma pessoa do sexo masculino. Caso isso não aconteça, o transmissor das rezas perde a capacidade de curar para o receptor. Esse temor se concretiza no dia a dia das rezadeiras, uma vez que suas rezas são inaudíveis. Entre as duas rezadeiras que participaram deste trabalho, foi confirmado que realmente isso acontece. A rezadeira Dona Maria que aprendeu a rezar por intermédio de seu avô, disse que:

Porque afraquece a reza, entendeu? E num serve mais. Que aquela pessoa, só que tiver o dom de aprender mesmo. Aí eu posso lhe ensinar [se dirigindo pra mim], mas pá outra mulher, se eu ensinar a minha [reza] não voga mais. Porque eu não tive mais fé no dom daquela reza. (informação verbal)⁸

A rezadeira Joselina que aprendeu a rezar por intermédio de sua mãe, disse que:

⁵ Id; Ibid.

⁶Entrevista com a rezadeira Dona Maria, no dia 30 de Novembro de 2014, na cidade de Tacima/PB.

⁷ Id; Ibid.

⁸ Id; Ibid.

Disso aí eu num intendo muito não. A pessoa fala mais num intendo muito não. Porque é o homem tem uma força, e a força da mulher é diferente. Então contraria a força de um com a força do outro. A força do homem serve para a mulher e a força da mulher serve pro homem. (informação verbal)⁹

Ambas as rezadeiras confirmam o fato de que a transmissão do dom de curar pela reza deve ser passada entre pessoas do sexo oposto. A rezadeira Dona Maria afirma que uma mulher ao ensinar a outra mulher a rezar a sua força enfraquece. Já a rezadeira Joselina, fala sobre a força da reza, onde ela diz que a força da reza do homem serve para a mulher e a força da reza da mulher serve para o homem. Mas vale ressaltar que a rezadeira Joselina aprendeu a rezar por intermédio de sua mãe.

Para Santos (2007), a questão da não transmissão do saber da cura pela reza entre pessoas do mesmo sexo, seja uma estratégia encontrada pelas rezadeiras para restringir e controlar a prática da cura pela reza, pois ele afirma que:

Segundo algumas rezadeiras, as rezas só podem ser ensinadas entre pessoas de sexos opostos, caso contrario, o receptor desse conhecimento anularia as “forças das rezas” de quem o ensinou. Então em tese, só a pessoa do sexo feminino poderia ensinar as rezas a outra do sexo masculino. Porém, algumas rezadeiras não seguiam essa regra, como foi o caso de tia Romana que recebeu os ensinamentos de cura através de outra rezadeira. Ela enfatizou para mim que não acreditava que ensinando as rezas para outra mulher as suas rezas perdessem as forças, pois tinha aprendido com outra mulher. Essa preocupação com a transmissão entre gêneros opostos, talvez seja uma estratégia encontrada para restringir, de alguma forma o controle desta prática (SANTOS, 2007, p 93).

A transmissão do dom da cura entre as rezadeiras, se dá quase sempre através da transmissão do conhecimento das rezas pela oralidade, como afirma Costa (2012): “É nesse território de saberes transmitidos oralmente, cheio de subjetividade, simbologia e religiosidade que as mulheres tornam-se agentes construtoras da sua própria história, preservando seus costumes e tradições” (COSTA, 2012, p. 44). As mais velhas ensinam as mais novas, passando a estas o legado da continuidade do ofício de rezadeira. O ritual de cura pela reza é constituído pela relação mútua entre a rezadeira e a pessoa rezada, Costa (2012) diz que:

Poderia ser mais místico o processo de uma reza? A reza, a fé, a crença no poder de curar, tudo isso aliado a certeza da rezadeira e de quem está sendo rezado de que todo e qualquer ato realizado naquele momento influenciara no resultado final. Então ter fé é elemento primordial para o sucesso da cura e a reza será o caminho para isso. Caminho encontrado, pois que atrelado à aspectos “sobrenaturais”. (COSTA, 2012, p. 51)

⁹Entrevista com a rezadeira Dona Joselina, no dia 30 de Novembro de 2014, na cidade de Tacima/PB.

Assim, a reza está fortemente ligada à fé como fonte da cura. Dessa forma, a reza tem início quando a pessoa chega para a rezadeira. Ela pega o ramo e em seguida, com a pessoa sentada a sua frente dá-se início a um diálogo, entre a rezadeira e a pessoa. A rezadeira Joselina procede da seguinte forma: “Eu faço algumas perguntas. E ele (a pessoa) vai respondendo e eu vou entendendo (...). É o dom que Deus dá, e a gente tem coragem de rezar, é porque Deus deu o dom de rezar a gente se penaliza pela pessoa” (informação verbal)¹⁰.

A rezadeira Joselina tem um diálogo com a pessoa, de forma que a proporcione o entendimento do mal que aflige a pessoa que a procura. Neste diálogo, a pessoa passa a relatar para a rezadeira seus problemas, que poderão ser de ordem espiritual, material ou social. Após este diálogo inicial, a rezadeira faz o sinal da cruz e dá prosseguimento ao ritual da reza. Agora ela pronuncia a oração e faz gestos em forma de cruz sobre o corpo da pessoa com a mão direita.

Apesar do local habitual da realização das rezas ser nas casas das próprias rezadeiras, não existe um lugar predeterminado para se fazer a reza. Sobre essa questão a rezadeira Joselina nos disse o seguinte:

“É... a gente vai até a casa das pessoas que não pode andar, está muito doente, a gente vai até lá, é só chamar, a gente vai. Assim, a gente reza daqui pra Natal/RN, daqui pra João Pessoa/PB, é só a pessoa ligar pra gente e dizer de que está doente a gente reza. Já reza fico bom. E reza... reza... reza na casa da rezadeira e reza aonde, em São Paulo/SP, é só a gente saber o nome da pessoa”. (informação verbal)¹¹

Nesta fala da rezadeira Joselina, tem alguns pontos que nos chama a atenção. Veja: ela diz que reza daqui pra Natal/RN, daqui pra João Pessoa/PB, é só ela saber o nome da pessoa. E que é só ligar pra ela que ela reza. Veja que aqui há a adaptação da rezadeira as novas tecnologias, pois a mesma além de rezar em sua residência e na residência do paciente, ela também atende por telefone.

Algumas rezadeiras não recebem as pessoas a toda hora, atende apenas após o momento que o sol nasce e antes do sol se pôr. A rezadeira Joselina discorda desta prática, porque para ela não tem uma hora certa para se rezar. É só a pessoa precisar que ela se disponibiliza. Veja a seguir a fala de Dona Joselina:

É na hora que precisar. Porque eu acredito que a pessoa tiver com um dente doendo, é de seis horas da noite e a pessoa num rezar, é porque ele não é rezador. Deixar a

¹⁰ Id; Ibid.

¹¹ Id; Ibid.

peessoa sofra a noite todinha, pra no outro dia, depois que o sol sair é que é horário certo de rezar, tá errado. Porque deixou a pessoa sofrendo a noite todinha com a dor pá poder rezar só noutra dia. É tem horário que tem que ser ante do sol se pôr e depois que o sol sair. Isso aí, eu acho que é errado. (informação verbal)¹²

Entre as rezadeiras e as pessoas que as procuram para que elas as aliviem dos males que as afligem, há uma relação de gratuidade e solidariedade, que é bem recebida pela comunidade. O ato da solidariedade mantém uma forte interação entre as rezadeiras e as pessoas que as procuram. A questão do dom, da solidariedade e da gratuidade, são estes pontos que representam o papel desenvolvido pelas rezadeiras nas comunidades onde elas residem. Sendo assim, há a relutância ao pagamento. Pois a reza esta ligada a um dom dado por Deus, e no momento que se paga, há o rompimento da relação entre o dom e o ofício da rezadeira. Apesar da recusa das rezadeiras em receber pelo serviço prestado, há pessoas que as dão gratificações. Estas gratificações são geralmente gêneros alimentícios, os quais não são dados como pagamento pelos serviços prestados pelas rezadeiras. Mas sim como forma de agradecimento e reconhecimento pela boa vontade de rezar das rezadeiras.

2.3 - AS DOENÇAS DE REZADEIRAS: CAUSAS, DIAGNÓSTICOS E OS PROCEDIMENTOS DE INTERVENÇÃO

São várias as doenças as quais as rezadeiras realizam suas intervenções através da reza. Algumas são mais recorrentes que outras e cada uma têm seu diagnostico e seu procedimento de cura.

Dentre as várias doenças que as rezadeiras realizam a cura, se destacam: vento caído ou vento virado, espinhela caída, desmentidura ou carne triada, ferida de boca, ramo, dor de cabeça, enxaqueca ou dor de ouvido, quebrante e a mais recorrente entre elas é o olhado.

Acerca dessa questão Santos (2007) em sua dissertação de mestrado, denomina as doenças que as rezadeiras rezam de “doenças de rezadeiras”, pois para ele, estas doenças são:

São aquelas, cuja concepção e diagnostico acabam por ser definidos e elaborados pelas próprias rezadeiras. De acordo com as observações realizadas, algumas doenças de rezadeiras são as seguintes: olhado; quebrante; vento caído ou vento virado; espinhela caída; carne triada; isipa; fogo selvagem e mal-de-monte e cobreiro (SANTOS, 2007, p. 79).

¹² Id; Ibid.

Descrevo abaixo algumas das doenças de rezadeira citadas por Santos (2007), Theotonio (2010) e Costa (2012), as quais também estão presentes no cotidiano das rezadeiras Dona Maria e Dona Joselina colaboradoras desta pesquisa.

Vento Caído ou Vento virado

É uma doença específica em crianças, e que está associada ao desarranjo intestinal e a desidratação da criança. A criança adquire esta doença quando uma pessoa a ergue acima da cabeça, causando-lhe um susto, ficando com o vento virado e só fica curada depois de rezar. Os sintomas não são difíceis de detectar. A criança quando está com o vento caído ou vento virado, apresenta desarranjo intestinal e, geralmente tem diarreia e expele um líquido na cor esverdeada, não tem animo nem para mamar nem para tomar a mamadeira.

A reza contra o vento caído ou vento virado consiste nas seguintes palavras: “Jesus Cristo quando no mundo andou, todo mal ele curou, levantou arca, espinhela e vento virado” (informação verbal)¹³. Na reza não se usa ramos, apenas se faz gesto em cruz sobre a barriga da criança.

Espinhela caída

Espinhela caída é uma doença que a pessoa adquire por esforço físico excessivo, sendo recorrente tanto em homens como em mulheres. Os sintomas mais recorrentes são dores e ardência na região do peito, dores na coluna, indisposição e esmorecimento do corpo.

Ao rezar a pessoa com espinhela caída, a rezadeira estica um cordão do dedo polegar da mão direita até o polegar da mão esquerda, dobra o cordão ao meio e mede-se o tórax da pessoa. Se as pontas dos cordões ultrapassarem a pessoa ela não teve a espinhela caída, porém se ficarem um lugar entre as duas pontas, a pessoa está com a espinhela caída ou com o peito aberto.

Desmentidura ou Carne triada

Desmentidura ou carne triada é uma doença que a pessoa sofre através de machucados, que causam rompimentos nos músculos, torção nos membros, luxações. O nome do ritual realizado para a cura desta doença é chamado pelas rezadeiras de coser. Onde simbolicamente, elas realizam uma costura utilizando linha, agulha e um pano sobre a região do corpo onde está a desmentidura ou carne triada.

¹³Entrevista com a rezadeira Dona Maria, no dia 10 de Abril de 2015, na cidade de Tacima/PB.

A reza contra desmentidura ou carne triada consiste nas seguintes palavras: “o quê que eu rezo? carne triada, nervo rendido, osso desconjuntado, carne amassada” (informação verbal)¹⁴. Enquanto a rezadeira vai pronunciando as palavras, ela vai fazendo o gesto sobre a área machucada, como se estivesse a costurando.

Ramo

Ramo é uma doença que acontece quando a pessoa que estava dormindo sai para um local onde há vento ou toma água ainda com o corpo quente porque ainda estava dormindo ou quando come algo quente e toma algo gelado na mesma hora. A pessoa sente dores de cabeça, os olhos ficam inchados e, se for forte a pessoa pode até mesmo perder os movimentos da região afetada.

Quebrante e Olhado

O quebrante é muito parecido com o olhado, porém, algumas rezadeiras os diferenciam. Pois para elas o quebrante é bem mais forte que o olhado, sendo jogado nos ossos, o que deixa a pessoa toda “quebrada”.

O olhado é uma doença que esmorece o corpo da pessoa, sendo possível curá-la apenas por meio da intervenção da reza. O olhado advém dos maus olhos que uma pessoa exerce sobre outra pessoa, podendo ser sobre: a beleza, a forma física, a inteligência, etc., ou em qualquer outro aspecto físico ou espiritual, tanto em pessoas como em animais.

Para curar a doença, a rezadeira tem que rezar três vezes. Na reza se usa ramos e gestos em forma de cruz sobre a pessoa. Para a pessoa ficar boa é fundamental que se realiza as três rezas, pois se a pessoa não procurar a rezadeira para que ela realize as três rezas a pessoa não ficará boa.

¹⁴ Id; Ibid.

CAPÍTULO III

EM CENA AS REZADEIRAS: DONA MARIA E DONA JOSELINA

No contexto específico desta pesquisa, as rezadeiras configuram-se representantes culturais em suas comunidades. Dessa forma, constituem-se agentes históricos, visto que estão presentes no cotidiano das pessoas que as procuram, em busca do alívio dos males que tanto lhes atormentam o corpo e a alma. Através de seus conhecimentos da cura pela reza, as rezadeiras se constituem agentes de cura, uma vez que atendem as necessidades de quem as procuram.

Desse modo ao dá ênfase às vozes das rezadeiras que colaboraram com esta pesquisa, buscamos através do diálogo com elas, estabelecer a interação entre o saber que possuem e o uso que a comunidade faz deste. Buscamos presentificar as lembranças das suas trajetórias de vida e as suas práticas religiosas. As duas rezadeiras, Dona Maria e Dona Joselina, expuseram um pouco de suas trajetórias de vida, visto que esta pesquisa busca o conhecimento das práticas das rezadeiras, a fim de aprender os significados das práticas da cura por intermédio da reza.

Assim sendo, escrever sobre histórias de vida de rezadeiras por meio do relato oral possibilita aos historiadores novas análises e novos olhares sobre as práticas e representações das rezadeiras. Escrever sobre histórias de vida das rezadeiras, o ofício, suas relações no seio familiar, suas práticas, é trazê-las como personagens para o centro da narrativa histórica.

Relatar um pouco de si e um pouco do que aprendeu ao longo da vida foi prazeroso para as rezadeiras Dona Maria e Dona Joselina, pois foram momentos em que ambas puderam repensar fatos marcantes em suas vidas. À medida que iam relatando os fatos, os seus sentimentos oscilavam. Enfim, os sentimentos eram aflorados ao lembrar-se de determinados momentos em suas vidas. Sobre o ato de lembrar Bosi (1994, p. 55) afirma que:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho [...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça à lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos da realidade e de valor (BOSI, 1994, p. 55).

Assim sendo, ao analisarmos as falas das nossas colaboradoras levamos em consideração que as lembranças relatadas de momentos vividos, não se constituem como memórias nítidas do passado vivido por elas. Pois estas mulheres constroem suas lembranças do passado a partir de suas percepções do presente. Dessa forma, podemos entender que estas lembranças sofreram transformações, uma vez que transitam entre o passado e o presente.

Dessa forma, começamos apresentando a rezadeira Dona Maria, ela tem 39 anos de idade, é moradora da comunidade de Cachoeirinha zona rural do município de Tacima/PB. Ela vive com os pais e quatro filhos/as em uma casinha modesta, onde recebe as pessoas que a procuram em busca do alívio dos males do corpo e da alma. Dona Joselina, tem 59 anos de idade, mora numa casinha modesta, com seu esposo, um filho de criação e um neto, na zona urbana do município de Tacima/PB. Ao chegar à casa de ambas as rezadeiras é possível perceber traços marcantes de sua fé expostos nas paredes das casas destas rezadeiras, onde elas possuem várias imagens de santos, os quais elas mantêm alguma relação de devoção.

Dona Maria guarda em sua memória lembranças do seu viver, as quais foram vivenciadas no lar de seus avôs que praticavam o ofício de rezadores, lembranças às quais ela nos relatou algumas durante nossas entrevistas, onde ela nos fala do seu interesse pelo aprendizado da reza, das suas relações com a sua comunidade e um pouco da sua vida como rezadeira. Ao falar de seus avôs Dona Maria deixa transparecer em seu semblante um ar de nostalgia e saudade deles, onde ela vivia a observar a prática da cura por meio da reza de seus avôs. Sobre a prática da reza por seus avôs Dona Maria afirmou o seguinte:

É... Como a gente vivia dentro de casa, quando a gente passava mal ele rezava. Num dava meia hora a gente estava tudo brincando. Saí de lá com nove anos de idade e vim morar aqui (em Tacima/PB). Mas eu achava muito bonito quando o povo chegava dizendo que o filho dele tinha ficado bom, que num tavamai doente. Então eu ficava feliz por causa disso. (informação verbal)¹⁵

Dona Joselina também nos relatou um pouco de suas lembranças, dando certa importância às lembranças sobre sua mãe, dos momentos em que Dona Joselina ficava a observá-la a rezar as pessoas que a procuravam. Dessa forma, aprendeu a rezar através de sua mãe, parente mais próximo que exercia o ofício da cura pela reza e, que provocou fascínio sobre ela. Assim, sempre que chegava alguém procurando sua mãe para que rezasse Dona Joselina se colocava num canto da sala e ali ficava a observar as rezas feitas por sua mãe. Dessa forma, aprendeu a rezar observando a sua mãe.

¹⁵Entrevista com a rezadeira Dona Maria, no dia 10 de Abril de 2015, na cidade de Tacima/PB.

Apesar de Dona Joselina ter aprendido a rezar por intermédio de sua mãe, ela não perdeu o dom de rezar para curar, pois segundo a crença compartilhada entre as rezadeiras, uma rezadeira do sexo feminino não pode ensinar a outra do mesmo sexo e vice-versa, pois a crença é a de que o dom da reza se perde. Como o ensinamento que Dona Joselina teve foi de forma indireta, através da observação, como ela diz: “Não, porque eu ouvia ela a rezar, ela não me ensinou” (informação verbal)¹⁶. Sua mãe não perdeu o dom de rezar, dessa forma ela continuou a exercer seu ofício de rezadeira.

Para Dona Maria a prática da reza de seus avôs, fez surgir em si à admiração pelo ofício de rezadeira, o que a fez demonstrar desde cedo o interesse em aprender o ofício de rezadeira. Porém, sua avó, pessoa que Dona Maria tinha mais proximidade não lhe ensinou a rezar, mandando-a pedir a seu avô para que ele lhe ensinasse as rezas. Pois segundo a concepção de algumas rezadeiras, uma mulher não pode ensinar as rezas para outra mulher, pois ela perderá as forças de suas rezas.

Sobre o aprendizado das rezas, Dona Maria afirma: “Eu via ele rezando outras pessoas e ele me ensinou outras partes” (informação verbal)¹⁷. Mas Dona Maria não quis aprender a rezar apenas porque achava bonito ver seus avôs rezando, ela demonstrou o interesse pela reza porque ela não queria está perturbando outras rezadeiras caso precisasse rezar alguém próximo, como ela disse: “Porque achava interessante. Assim, por mode meus filhos. Eu dizia pra minha vó, que eu num queria tá na casa dos outros. Porque a cura é três vezes que a gente vai, e eu num queria tá aperriando com meus filhos não” (informação verbal)¹⁸.

Dona Maria ainda guarda em suas lembranças a primeira reza. Ela relata que foi numa criança que estava bastante adoentada e, lembra que seu avô lhe disse que ela só rezasse quanto estivesse preparada e tocada pelo dom de rezar para curar os males do corpo e da alma. Dessa forma, Dona Maria afirmou o seguinte sobre o estado de saúde da criança e de sua reza:

A menina disse: vai lá e chama uma pessoa para curar. Só que ela não sabia que eu rezava e a menina me chamou. Aí me perguntou: Maria tu reza? Rezo, quem me procura rezo. Pois meu menino já deu convulsão. Aí eu olhei a febre e disse: é alguma coisa que está infeccionando, que dá febre e convulsão. Aí eu vou passando o ramo nele, ele mole em cima da cama. Mai quando comecei a passar o ramo nele, era a crise de garganta que tava nele. Que quando está rezando a criança, a gente

¹⁶Entrevista com a rezadeira Dona Joselina, no dia 30 de Novembro de 2014, na cidade de Tacima/PB.

¹⁷Entrevista com a rezadeira Dona Maria, no dia 30 de Novembro de 2014, na cidade de Tacima/PB.

¹⁸Id; Ibid.

sente o sintoma, se está com dor de cabeça, sente o corpo, náusea. Aí rezei foi passando. (informação verbal)¹⁹

Durante o processo da reza as rezadeiras através do dom que elas possuem são capazes de sentirem as causas e sintomas da doença da pessoa que está sendo rezada. Dessa forma, a rezadeira adota uma postura adequada perante a pessoa doente de forma a proporcionar a está pessoa a cura para sua doença.

O ato de rezar para curar é visto pelas rezadeiras que participaram desta pesquisa como um ato de caridade e ao mesmo tempo como uma forma de se aproximar do sagrado através da fé que elas mantêm em Deus, como Dona Joselina expõe:

É uma obra de caridade. Por causa que a pessoa está doente, sofrendo e a gente socorre. É caridade. Ter amor de Deus é ter compaixão. É ter amor a vida. É a salvação. A gente se salva do problema que está acontecendo. Vai criando um pouco mais de fé e respeito a Deus. Quem fica bom agradece, aprende e quem reza ver o milagre acontecer, também fica contente. (informação verbal)²⁰

Ao mesmo tempo, as relações entre as rezadeiras e as pessoas se apresentam como uma via de mão dupla. Pois as pessoas que as procuram se beneficiam do dom que as rezadeiras possuem obtendo a cura para os males do corpo e da alma que os afligem e as rezadeiras através dos resultados positivos obtidos através das suas rezas obtêm a satisfação pelos atos de caridade prestados e pelo reconhecimento recebido das pessoas, servindo como uma ponte que elevam a autoestima das mulheres rezadeiras.

A prática da reza como meio de cura, têm sofrido resistência por parte de religiosos, o que pode muitas vezes representar um entrave a prática das rezadeiras. Mas para a rezadeira Dona Joselina, não houve o não aceitação de suas práticas pelo líder religioso da Igreja Católica local, demonstrando-se uma grande surpresa para ela, ao escutar do padre que ela poderia exercer sua prática e ajudar as pessoas quando elas necessitassem da ajuda dela, como ela afirma: “Ele [o padre] disse que eu podia, sem nenhum problema e disse se precisasse podia rezar” (informação verbal)²¹. Com a aceitação de sua prática pelas pessoas com as quais ela convive em sua comunidade e pelo líder religioso da igreja que frequenta, Dona Joselina demonstra satisfação e sempre que solicitada está à disposição das pessoas que a procura em busca de auxílio espiritual para se aliviar dos males que as afligem e os atormentam. Dona Joselina mantêm sua fé na Igreja Católica, e frequenta com regularidade,

¹⁹Entrevista com a rezadeira Dona Maria, no dia 10 de Abril de 2015, na cidade de Tacima/PB.

²⁰Entrevista com a rezadeira Dona Joselina, no dia 10 de Abril de 2015, na cidade de Tacima/PB.

²¹Entrevista com a rezadeira Dona Joselina, no dia 30 de Novembro de 2014, na cidade de Tacima/PB.

pois ela participa de grupos da Igreja, como a Legião de Maria, Pastoral da Criança e o RCC²². Sua relação com as pessoas da Igreja é sempre harmoniosa.

Apesar de Dona Maria nunca ter sido casada, ela teve quatro filhos/as e indagada se gostaria que algum de seus filhos seguisse seu ofício de rezadeira, ela disse que: “Não, nenhum. Gostaria que nenhum aprendesse” (informação verbal)²³. Apesar de dizer que não gostaria que nenhum de seus filhos aprendesse seu ofício de rezadeira, em outro momento a rezadeira Dona Maria afirmou que gostaria que algum de seus filhos/as aprendessem seu ofício de rezadeira, mesmo afirmando ela que as pessoas hoje em dia não nutrirem a mesma fé nas práticas das rezas como forma de intervenção terapêuticas como nutriam antigamente.

Dona Maria sempre manteve um bom relacionamento com as pessoas de sua comunidade. Mantendo uma relação harmoniosa com as pessoas e, tendo seu ofício de rezar para curar os males do corpo e da alma reconhecido pelas pessoas de sua comunidade, como a mesma afirma:

Graças a Deus muito bem, graças a Deus. Porque das pessoas que eu rezei recebi muito agradecimento. Outras pessoas pedem pra eu voltar a rezar. A semana passada uma colega minha ali disse: minha filha caiu doente e disse que só tinha fé que tu rezasse que ela ficava boa. Mas eu disse que vai passar que ela vai ficar boa. (informação verbal)²⁴

Durante minhas andanças pela comunidade de Cachoeirinha, ouvi algumas histórias de rezadeiras e rezadores daquela comunidade. Os moradores sempre recomendavam Dona Maria como uma boa rezadeira. Mas apesar dela ser recomendada como uma boa rezadeira, ao longo de sua vida como rezadeira, ela também já sofreu preconceito devido à falta de conhecimento sobre sua prática como rezadeira, como a mesma afirma: “Já sofri, você num sabe. Não tenho fé nisso. Isso é besteira. É bobagem. Ninguém aprende isso não” (informação verbal)²⁵. Neste pequeno trecho da fala da rezadeira Dona Maria, ela enumera alguns dos dizeres que ela cansou de escutar ao longo de sua vida como rezadeira. Porém, ela

²² A Legião de Maria é uma associação internacional de fiéis da Igreja Católica Apostólica Romana formada por leigos que servem de forma voluntária com a finalidade de contribuir para a ação evangelizadora da Igreja, sob a poderosa proteção e sublime exemplo de Maria. A Pastoral da Criança é um organismo de ação social da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, vinculada à Comissão Episcopal para o Serviço da Caridade, da Justiça e da Paz, que tem como objetivo a promoção do desenvolvimento integral de crianças entre zero e seis anos de idade em seu ambiente familiar e em sua comunidade. A sua atuação tem caráter ecumênico, atendendo pessoas de todos os credos e etnias. Renovação Carismática Católica (também chamada "RCC") é um movimento da Igreja Católica Apostólica Romana. A prática da RCC baseia-se na experiência pessoal com Deus, pela força do Espírito Santo e de seus dons, a fim de que todos se tornem discípulos de Jesus Cristo.

²³ Entrevista com a rezadeira Dona Maria, no dia 30 de Novembro de 2014, na cidade de Tacima/PB.

²⁴ Id; Ibid.

²⁵ Entrevista com a rezadeira Dona Maria, no dia 10 de Abril de 2015, na cidade de Tacima/PB.

nunca desanimou por causa da falta de compreensão de algumas pessoas, seguindo sempre ajudando as pessoas que a procuravam em busca de alívio para os males do corpo e da alma.

Hoje em dia Dona Maria parou de rezar. Mas ela ainda é procurada por pessoas conhecidas em busca de suas rezas de cura. Ela parou de rezar devido a problemas de saúde provenientes de suas rezas. Pois segundo ela ao rezar olhado muito forte ela ficava doente, como ela afirma:

Porque eu tive um problema de saúde. Aí fui na casa de uma curadeira, mais que eu. E ela mandou que eu parasse. Porque eu rezava olhado muito forte, aí eu terminava passando mal, vomitando. Aí eu dei uma paradinha. Mais eu ainda rezo meus meninos em casa quando estão meios caídos, eu rezo. (informação verbal)²⁶

Em função dos transtornos de saúde que lhe acometem após as rezas de olhado muito forte, Dona Maria foi aconselhada por uma curadeira, que parasse de rezar, pois ela estava sendo afetada diretamente pela doença das pessoas que ela rezava.

Mesmo seguindo a recomendação de parar de rezar, Dona Maria mantém seu ofício de rezadeira, exercendo sua prática da reza junto a seus filhos quando estes necessitam de seu auxílio como mãe e rezadeira. Dessa forma, Dona Maria mantém em prática seu dom alimentando o seu desejo desde a sua infância, que era aprender a rezar para cuidar da saúde dos seus filhos.

²⁶Entrevista com a rezadeira Dona Maria, no dia 30 de Novembro de 2014, na cidade de Tacima/PB.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção maior da pesquisa foi mostrar que as práticas e representações das rezadeiras não são fenômenos que ficaram esquecidos no passado e, como tal, caíram no esquecimento, mesmo nós estando em pleno século XXI onde imperam os avanços nas áreas médicas-científicas. Pelo contrário, estas práticas têm sido constantemente renovadas e mantidas na sociedade, pois por trás desta prática estão mulheres e homens, que direta ou indiretamente usufruem das práticas das rezadeiras, perpetuando as práticas de cura por intermédio da realização da reza. Assim, o dom e o ofício de rezar para curar, através do que foi exposto neste trabalho, não devem ser interpretados como uma prática distante e que não tem mais espaço na sociedade contemporânea, devido às intermitências ocorridas nas práticas realizadas pelas rezadeiras na atualidade com as pessoas que as procuram. Mas sim como práticas vivenciadas no cotidiano e que constantemente são renovadas, sendo vivenciadas tanto pelas rezadeiras como pelas pessoas que as procuram. Neste sentido, fica explícito que o ofício da reza, como forma terapêutica, está em constante processo de reelaboração sendo influenciados pelas constantes mudanças dos contextos sociais em que as rezadeiras estão inseridas.

Compreender a representação das rezadeiras e suas práticas se torna possível construir novos olhares sobre suas práticas e suas representações junto as suas comunidades, de forma a apresentá-las para a população. Logo, trazer para a história as práticas e as representações das rezadeiras é fazer com que suas memórias não caiam no esquecimento e, ao mesmo tempo, buscar reafirmar a grande contribuição que estas mulheres rezadeiras deram, dão e continuam dando em suas comunidades, agindo muitas vezes como agentes de intervenção entre o terapêutico e o sagrado.

Esta pesquisa foi de grande valia, uma vez que foi apresentado um pouco das práticas e representações das rezadeiras sujeitos desta pesquisa. Assim, contribuindo de forma significativa para a afirmação cultural e histórica da sociedade tacimense/PB, pois conhecer a história e a cultura de um grupo social é de fundamental importância para se reafirmar a identidade cultural de um povo. Percebamos, assim, a importância das pesquisas nesta área ainda pouco explorada. De forma geral, o ofício de rezadeira apesar das semelhanças em relação aos rituais e das orações, a prática do ofício é um fenômeno particular exercido por cada rezadeira. Assim, não existe uma receita pronta e unânime que seja usada igualmente por todas as rezadeiras. Cada rezadeira possui sua singularidade o que as tornam seres únicos. O

que as aproximam e as tornam comuns entre si é o fato de que seu ofício é praticado como forma de caridade alimentada pela fé que elas possuem.

Assim, concluímos com a visão de que conhecer as práticas e representações culturais de um grupo social com o das rezadeiras é fundamental para que haja o fortalecimento dos laços de identidade cultural e histórico entre a comunidade e as rezadeiras. Essa identidade também contribui para a elevação da autoestima dos praticantes da reza como forma terapêutica e, que podem se apropriar dos fatos para repassá-los e perpetuá-los seja em espaços de propagação do conhecimento, como escolas, em casa ou em rodas de conversa com amigos e outros ambientes onde se propague a cultura de determinada comunidade.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade: lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da Historiografia: A Escola dos Annales 1929-1989**. Tradução Nilo Odália – São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.
- CAVALCANTE, Joel Martins e CHAGAS, Waldeci Ferreira. As Mulheres Benzedoras: entre o sagrado, a saúde e a política. In: **Anais do II Seminário Nacional de Gênero e Práticas Culturais, leitura e representações**. João Pessoa: Editora da UFPB/UEPB, 2009.
- CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1985.
- COSTA, Kaline Ferreira. **Em Busca do Fio de Ariadne: as rezadeiras no labirinto histórico da modernidade – uma crítica as teorias do desencanto do mundo (Alagoa Nova – 1980 a 2012)**. Trabalho de Conclusão de Curso de história – Universidade Estadual da Paraíba. 2012.
- FIORUCCI, Rodolfo. **História Oral, Memória, História**. Revista História em Reflexão: Vol. 4 n. 8 – UFGD – Dourados Jul./Dez 2010.
- LIRA, André Augusto Diniz. **Entre memória e identidade social**. INTERFACE, vol. 1, n. 2, jul./dez, Natal-RN, 2004.
- MATOS, Júlia Silveira. SENNA, Adriana Kivanski de. **História Oral como Fonte: problemas e métodos**. História, Rio Grande, 2 (1): 95-108, 2011
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. HOLANDA, Fabiola. **História Oral: como fazer, como pensar**. 2. Ed. 3ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2014.
- MORIGI, Valdir José. *ET al.* **Memória, representações sociais e cultura imaterial**. Morpheus – Revista Eletrônica em Ciências Humanas – Ano 09 número 14,2012 – ISSN 1676-2924.

NASCIMENTO, Danielle Gomes do. AYALA, Maria Ignez Novais. **As práticas orais das rezadeiras:** um patrimônio imaterial presente na vida dos itabaianenses. In: Dossiê: Voz e Interculturalidade. Nau Literária: Crítica e teoria de literaturas. Seer.ufrgs.br/NauLiteraria. ISSN 1981-4526. PPG-LET-UFRGS. Porto Alegre. Vol. 09, n. 01. Jan/Jun. 2003.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**, n.10, p. 07-28, dezembro de 1993. São Paulo: PUC, 1993.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SANTOS, Francimário Vito dos. **O Ofício das Rezadeiras:** um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças entre as rezadeiras de Cruzeta/RN. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2007. 296 f.

_____. **O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural:** religiosidade e saberes de cura em Cruzeta na região do Seridó Potiguar. Revista CPC, São Paulo, n. 8, p. 6-35, maio 2009 - out. 2009.

SILVA, Claudia Santos da. **Rezadeiras:** guardiães da história. In: V ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador – Bahia – Brasil. 27 a 29 de maio de 2009.

SOUZA, Maria Cristiane Pereira. **A palavra e o lugar de cura:** História oral. Dissertação de mestrado em geografia. Universidade Federal de Rondônia – UNIR, 2008.

THEOTONIO, Andrea Carla Rodrigues. **Entre Ramos de Poder:** Rezadeiras e práticas mágicas na zona rural de Areia-PB. Dissertação Mestrado em História – Universidade Federal de Campina Grande. 2010.

_____. **Práticas de Rezas: oralidade e cultura no cotidiano das rezadeiras.** In:http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2011%20%20Andrea%20Carla%20Rodrigues%20Theotonio%20TC.PDF. Acessado em 05/03/2016, as 08h08minh.

LISTA DAS COLABORADORAS

Rezadeira Dona Joselina (L. F. da S. L.) – 59 anos – Rua Maria Gonçalves, Bairro Centro, S/Nº - Tacima/PB.

Rezadeira Dona Maria (A. M. F. de S.) – 39 anos – Comunidade de Cachoeirinha, S/Nº - Tacima/PB.